
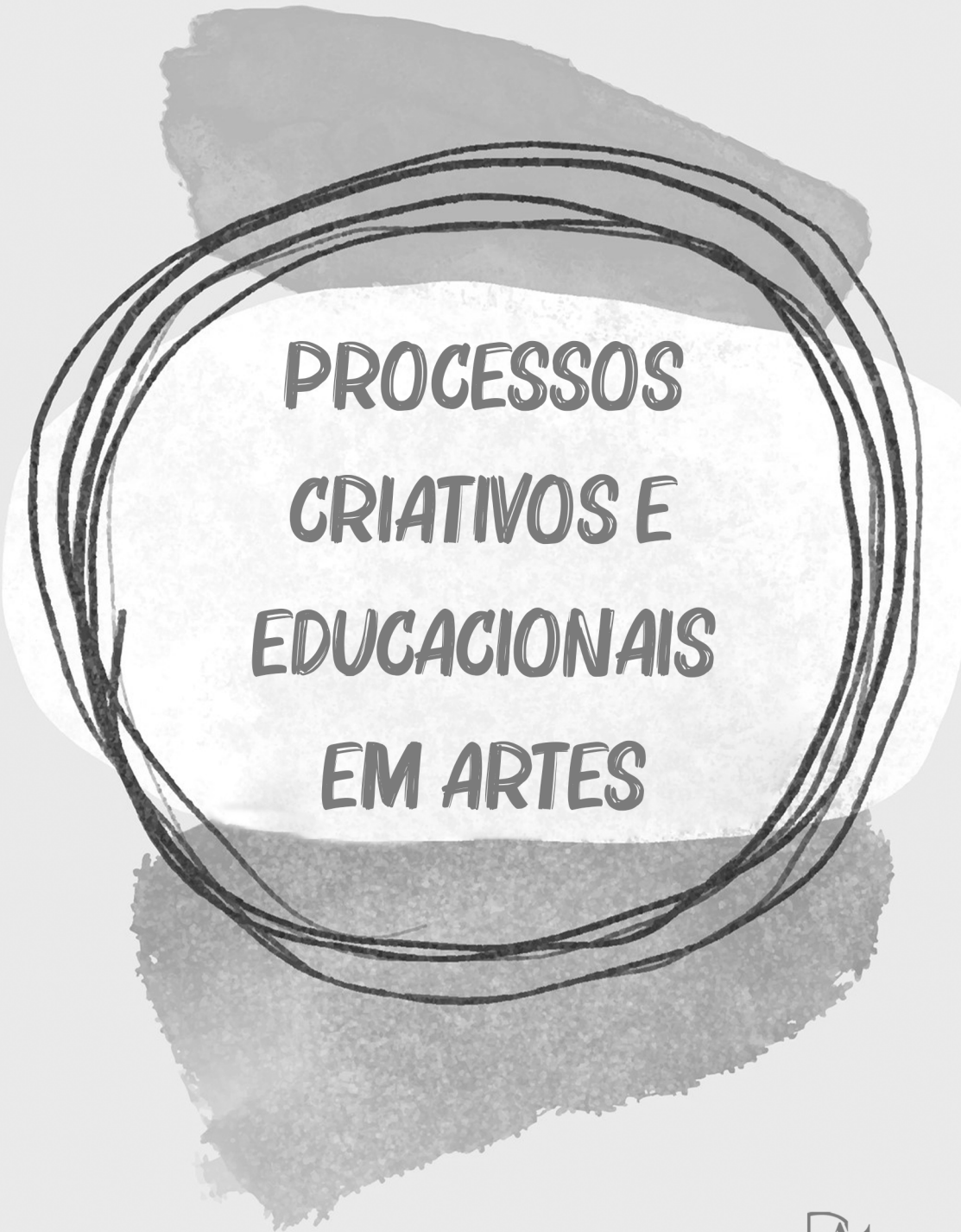


Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



**PROCESSOS
CRIATIVOS E
EDUCACIONAIS
EM ARTES**

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



**PROCESSOS
CRIATIVOS E
EDUCACIONAIS
EM ARTES**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Processos criativos e educacionais em artes

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 Processos criativos e educacionais em artes / Organizador
Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-640-9

DOI 10.22533/at.ed.409200212

1. Artes. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II.
Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Processos Criativos e Educacionais em Artes” se caracteriza como uma coletânea de textos variados que tem em comum a arte, quer seja encarada como processo subjetivo no ato da criação, quer seja o objetivo final ou o meio pelo qual se conduz o aprendizado.

Para tal reunimos textos de autores nacionais e internacionais com a finalidade de iluminar os leitores com variadas visões dos processos artísticos, envolvendo a criação, o aprendizado, a facilitação e o ensino.

Nos Capítulos 1 a 5 temos a evidencia do processo criativo onde os autores se debruçam sobre a arte localizando-a entre a verdade e a ficção, e ainda pela produção de esculturas de pedra a partir de moldes 3D, pelo grafite, pela performatização do corpo na experiência de gordência e pela preservação do acervo de uma artista plástica.

Os Capítulos 6 a 8 tratam-se do processo formativo em arte, partindo das experiências da Educação Infantil, do uso da poesia no processo fotográfico e do uso de HQs como estímulos para o ensino do desenho.

Ainda nos processos educativos e da apropriação benéfica da arte para o aprendizado, temos nos Capítulos 9 e 10 os benefícios das Artes Visuais e da Música na situação de ensino de crianças com o Transtorno de Espectro do Autismo (TEA).

E finalizando a coletânea temos a discussão legal da criação do Curso de Música e as principais tendências metodológicas nas pesquisas de Pós-Graduação em Artes.

Espero que apreciem a leitura e que esta lhes abra o horizonte para novas articulações artísticas.

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

FICÇÃO E VERDADE: UMA TRAJETÓRIA PELOS CAMINHOS DA ARTE

Ezequiel Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.4092002121

CAPÍTULO 2..... 13

CREACIÓN DE ESCULTURAS MEDIANTE PETRIFICACIÓN, USANDO MOLDES IMPRESOS EN 3D COMO RECIPIENTES DE AGUAS CARBONATADAS

Cecile Meier

Francisco Viña

Maria Isabel Sanchez Bonilla

DOI 10.22533/at.ed.4092002122

CAPÍTULO 3..... 30

O ARTIVISMO DO GRAFITEIRO BANSKY COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA A LEITURA DE IMAGENS POR MEIO DOS ESTUDOS VISUAIS

Natasha Satiko Miamoto

Annelise Nani Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.4092002123

CAPÍTULO 4..... 45

GORDÊNCIA: CRIANDO CONCEITO ESCORREGADIO DO CORPO AO PRAZER

Mariana Ramos Soüb de Seixas Brites

DOI 10.22533/at.ed.4092002124

CAPÍTULO 5..... 50

O ACERVO ICONOGRÁFICO LYGIA SAMPAIO – MRA E AS POTENCIALIDADES DE PRESERVAÇÃO DE FONTES DA HISTÓRIA DA ARTE MODERNA BAIANA

Amanda da Silva Borges

Cristiano Silva Cardoso

Joanna Valéria Lima Rego

Willivan do Carmo Santos

DOI 10.22533/at.ed.4092002125

CAPÍTULO 6..... 62

ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Alessandra da Silva

Isabel Rodrigues de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.4092002126

CAPÍTULO 7..... 74

COMPOSTO POÉTICO: UMA PRÁTICA DA POESIA À FOTOGRAFIA

Edgard Mesquita de Oliva Junior

DOI 10.22533/at.ed.4092002127

CAPÍTULO 8.....	88
DONALD NA MATEMAGICALÂNDIA: O USO DA H.Q. NA DISCIPLINA DE DESENHO	
José Rodolfo Ribeiro Tavares	
Carina Ribeiro Parreira	
Priscila Ferreira Bento de Abreu	
Evelin Valerio da Silva	
Isabel Barros Fiaux dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4092002128	
CAPÍTULO 9.....	103
O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTES COM ALUNOS AUTISTAS	
Taele Pinheiro da Silva de Miranda Peçanha	
DOI 10.22533/at.ed.4092002129	
CAPÍTULO 10.....	115
O DIFERENCIAL MUSICAL DOS INSTRUMENTOS DE SOPRO EM MUSICOTERAPIA: UM ESTUDO DE CASO	
Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.40920021210	
CAPÍTULO 11.....	122
CRIAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ: HORIZONTES MUSICAIS E LEGAIS	
Juniel Pereira da Silva	
Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti	
DOI 10.22533/at.ed.40920021211	
CAPÍTULO 12.....	132
EDUCACIÓN ARTÍSTICA PLÁSTICA Y VISUAL: TENDENCIAS INVESTIGATIVAS DE POSGRADOS EN COLOMBIA 2014-2018	
Germán Rojas-Gámez	
DOI 10.22533/at.ed.40920021212	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	147
ÍNDICE REMISSIVO.....	148

CAPÍTULO 1

FICÇÃO E VERDADE: UMA TRAJETÓRIA PELOS CAMINHOS DA ARTE

Data de aceite: 01/12/2020

Ezequiel Martins Ferreira

Universidade Federal de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/4682398500800654>

RESUMO: O artigo se apresenta na tentativa de formular a noção de arte partindo do questionamento de sua finalidade e nisso sua implicação com a realidade. Nessas implicações surgem as ideias de verdade e ficção como entrecruzadas na composição do estético. O olhar para isso é lançado nas artes que se usam da imagem e da palavra, tanto a pintura como o cinema levado a categoria de imagens em movimento, como a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, imagem, palavra, verdade, ficção.

FICTION AND TRUTH: A JOURNEY THROUGH THE PATHS OF ART

ABSTRACT: The article presents itself in an attempt to form a notion of art based on the questioning of its necessity and in this its implication with reality. In these revelations they appear as ideas of truth and fiction as intertwined in the composition of the aesthetic. The look for this is launched in the arts that use the image and the word, both painting and cinema taken to the category of moving images, such as literature.

KEYWORDS: Art, image, word, truth, fiction.

O significado da obra de arte

reside no espaço entre

o artista e o espectador.

Maaretta Jaukkuri.

Pensar a arte, a educação, suas relações com a produção de sentido e o intercâmbio entre os objetos da arte e os conhecimentos filosófico e científico sem antes adotar, não um conceito, mas uma postura diante da arte parece algo muito pretencioso e arriscado. Nisso se faz preciso escolher, ou pelo menos tentar escolher, dada a possibilidade sempre presente de mesclar as posturas, uma postura a ser adotada. Tanto pode elegê-la como um objeto de criação, assim como faz o artista; de crítica, pelos estudiosos da arte; ou a possibilidade mais cabível aqui de observação e interpretação, para aqueles que dela se servem, ou servem a ela com suas contribuições nos demais campos do conhecimento.

Antes de qualquer coisa é necessário tentar nomear, contornar ou bordejar ao menos, aquilo que se entende por arte, para não cair na contradição, na ausência de um eixo que sirva como norteador, pois tudo e nada pode ser visto como arte para os modernistas e pós-modernistas.

Zygmunt Bauman, se referindo em especial a arte pós-moderna, uma vez sendo esse o seu foco, o de estudar o período que ele mesmo chama de pós-moderno, que

compreende, sobretudo, a fluidez dos processos humanos, e vivenciando esse tempo, assim define a arte:

... é uma força crítica e emancipadora até compelir o artista, então despojado de esquemas engeguecedores e métodos infalíveis, e o espectador ou ouvinte, então deixado sem os cânones de ver e a consoladora uniformidade do gosto, a se empenharem no processo de compreensão, interpretação e elaboração de significado que inevitavelmente reúne as questões da verdade objetiva e os planos subjetivos da realidade. (BAUMAN, 1998a, pp. 140-141).

Nota-se na conceituação baumaniana um percurso em que se põe a realidade por vias subjetivas e persegue ainda a verdade objetiva. Opto por seguir esse percurso tentando responder a outras questões mais, que poderão solidificar o terreno o qual pretendo me arriscar, dissecando o que é, apontado pelo autor sobre as ideias que giram em torno da arte e suas implicações na realidade, a noção de arte entre a verdade e a ficção.

Questões que podem ser expressas em: qual a finalidade disso que se põe como arte, pra isso que o artista dedica a produzir um objeto, que se dedica a formular, reformular traços, sons, cores, luz, sombra, movimentos e palavras na captação ou criação de um algo significativo ou a ser significado? Que relação esse objeto coloca com as noções de verdade e ficção, dada suas implicações no real?

Por certo, a perseguição das respostas dessas perguntas não se dará numa visada classicista da filosofia platônica, tampouco dos estudiosos da arte, mas serão perseguidas na postura de observador, esgueirando pelos rastros daquilo que a arte tem deixado em si, e selecionando para isso a imagem, quer seja na pintura ou em movimento; e a palavra na literatura.

O NOVO E O PRÉ-HISTÓRICO

Em sua finalidade a arte sempre esteve apontada para a realidade, sendo meio de registro, manipulação ou pura e livre expressão da realidade imediata, do momento histórico, e até mesmo dos conflitos que não são menos reais só porque vividos individualmente pelos seus criadores, mas que universalmente podem ser compartilhados por meio do sentimento que pode ser extraído da observação da imagem que é a obra de arte.

Normalmente nos estudos sobre a arte se tem uma virada dela como representação supostamente fiel da realidade, para aquilo que Bauman define como simulação da realidade, ao que afirma a grande mudança da arte pós-moderna sendo a dispensação dos esquemas, “normas e símbolos convencionais” que garantiam à obra o “*status* representativo da criação artística”, o “corte do cordão umbilical que ligava as artes plásticas à ‘realidade’ que supostamente representavam” (BAUMAN,

1998a, p. 134).

O que se tinha antes era a arte pros mecenas, com objetivos comprados, normas pouco flexíveis na possibilidade de ver e apreender o mundo, tão logo, pouca liberdade criativa, tampouco interpretativa. Rompendo com isso a arte moderna já em seus precursores parece se preocupar “mais do que qualquer outra coisa, em desafiar, reftar e derrubar tudo o que a aceitação social, o aprendizado e a formação solidificaram em esquemas de ‘necessária’ conexão” (p. 132), se preocupa mais em criar cada um, sua maneira individual de expressar a forma como visualiza a realidade, e de alguma maneira, a sente.

Nessa arte moderna rompendo com suas referências, questionando a verdade da norma, e deixando o artista à crédito, só resta, a ele, lançar-se de braços abertos ao novo olhar, evocando a experimentação. Mas não se trata de experimentos comoos científicos que ocorrem resguardados por uma teoria, e sim uma experimentação toda pautada nessa fase de descobertas incertas carregada de uma verdade que se afirma nos veios sensíveis da ficcionalidade e não mais da racionalidade danorma pré-estabelecida por critérios dogmatizados pela cultura clássica, que se propõe a arte moderna. Assim a experiência:

[...]desafia e vira de cabeça para baixo a ideia da experimentação herdada e institucionalizada. Tradicionalmente, as experiências foram construídas sob a orientação de uma teoria que se esperava provar: serviam ao propósito de confirmar ou corrigir essa teoria e era, por isso, períodos bem incorporados e necessários de ação contínua e coletiva. Nada mais, nada menos do que passos seguidos pela multidão, ao longo da estrada claramente marcada por placas de sinalização legíveis para todos. O que hoje se entende por experimentação é uma atividade totalmente distinta. O artista que experimenta age no escuro, esboçando mapas para um território de existência ainda não comprovada e que não se garante se emerge do mapa ora esboçado. Experimentação significa admissão de riscos, e admitir riscos em estados de solidão, sob sua própria responsabilidade, contando apenas com o poder de sua própria visão como a única chance de a possibilidade artística obter o controle da realidade estética. (BAUMAN, 1998a, p.138)

Com essa ruptura o artista ganha liberdade criativa, pelo menos de forma mais evidente, e dela pode desfrutar elegendo como objeto artístico algo livre, do seu próprio repertório, e diferente daqueles pertencentes ao conjunto de códigos que eram necessários para qualificar sua arte e para que ela fosse reconhecida como representativa.

O artista passa a esculpir na tela não mais a realidade visível e atual, que antes era visto muitas vezes na forma de retratos da realidade, mas passa a selecionar entre o atual e o virtual, aquilo que deseja privilegiar. Pode-se começar a falar sobre uma autonomia do artista. Um modo único de enxergar a realidade e

expressá-la.

A mulher e o homem deixam de ser o centro da criação artística e objetos que antes eram rejeitados pelos artistas podem ganhar privilégio. De objetos a sentimentos, a possibilidade das sensações na tela aumenta de acordo com a possibilidade criativa de cada um. E não só novos modos de expressar, mas também de interpretar a realidade das coisas.

“Não há nenhum objeto privilegiado” nesse novo modo de produzir arte segundo Baudrillard, pois “a obra de arte cria seu próprio espaço”. Expressa por ela mesma uma nova significação, “dá um significado ou um sentido de identidade a algo que não é significativo, que não tem nenhuma identidade” (*apud* BAUMAN, 1998a, p.135).

Com esse modo de ver, instaura-se um período pela quebra do clichê, pela quebra das regras e dos modelos da arte clássica. A fim de se não eliminá-lo, de transformá-lo, “deformá-lo ou desencaminhá-lo, de triturá-lo em todos os sentidos”, de dar novos sentidos e experimentar.

Diz-se isso do caráter maçãnesco que Deleuze encontra em Cézanne, que na tentativa de fugir daquilo que se tinha por clichê encontra a maçã, que o diferencia, que o inaugura, que marca sua obra como sendo sua. Sobre isso assim escreveu D. H. Lawrence:

Após uma luta sangrenta de quarenta anos, ele conseguiu conhecer uma maçã, plenamente, um vaso ou dois. É tudo o que ele conseguiu fazer. Isto parece pouca coisa, e ele morreu cheio de amargura. Mas é o primeiro passo que conta, e a maçã de Cézanne é muito importante, mais importante do que a ideia de Platão (*apud* DELEUZE, 2007).

E em sua experiência a tentativa de reprodução não era como o antigo conjunto de regras, pois “não se pode imitar o verdadeiro caráter maçãnesco”, dado o caráter único que Cézanne deu as suas criações. E o que se põe na arte moderna é que “cada um deve, ele mesmo, criar um novo e diferente. Pois quando se parece ao de Cézanne, não é nada” (DELEUZE, 2007).

Embora a novidade, a liberdade e outras características mais tenham se colocado frente a arte moderna, em momento algum a arte clássica deve ser menosprezada e colocada como sem importância.

Apesar dos historiadores da arte se ocupar com essa ruptura que houve nos moldes de fazer arte, e de que algumas noções inclusive essa da experimentação, levantada por Bauman, ser muito peculiar da modernidade e por isso de nós mesmo enquanto viventes desse período histórico, são exatamente essas noções embutidas na obra de arte que atorna além de objeto de apreciação, objeto importante na construção histórica.

Cada período artístico possui características diferentes por vivenciarem

momentos históricos diferentes. E são essas mudanças, esses olhares que possibilitam através da produção artística estudar as modificações sociais e culturais ao longo da história. De que essa seja sua finalidade é discutível se elevado à máxima, mas que dela se pode tirar proveito, não há dúvida alguma.

Recentemente foi exibido um documentário sobre a caverna em *ChauvetPont D'Arc*, situada no sul da França próximo ao rio Ardèche, conhecido como *A caverna dos sonhos esquecidos*, produzido por Zeta Filmes, direção e roteiro de Werner Herzog. O documentário apresenta a primeira expedição autorizada pelo governo francês para uma produtora cinematográfica registrar a descoberta para o público, já que está fechada a visitação.

Como a descoberta, que ocorreu no ano de 1994, já não é tão recente, há, por parte da equipe responsável pela caverna, toda uma estrutura produzida, porta para evitar a entrada de vento, plataformas suspensas para não ser pisoteado o chão da caverna, tudo isso na tentativa de conservar ao máximo o local e tudo o que há em seu interior, tanto as pinturas como os utensílios e até mesmo pegadas de animais e de homens encontrados.

Por ter permanecido isolado do ambiente externo durante séculos, ao fundo da caverna, por todo o longo das inúmeras galerias que a caverna forma, foram encontradas pinturas que continuavam intactas, foi possível encontrar até resíduo de carvão no chão abaixo de algumas figuras. A partir do carvão extraído foi possível datar as pinturas rupestres como sendo de 32 mil anos.

Dentre os inúmeros painéis, cerca de 400 desenhos, uma das imagens, a qual não se é possível de ser visualizada ao todo por determinações da necessidade de preservação do ambiente, e pela posição da pintura feita em uma estalactite, no meio de uma das galerias, apresenta um grande mistério.

O mistério do “minotauro e da mulher”, nomenclatura dada pelos pesquisadores em homenagem a pintura de Picasso que leva o mesmo nome, consiste em uma pintura de um bisão que parece envolver com a parte superior do corpo, o sexo de uma mulher nua, como pode ser visto na Figura 1.

Alguns Pesquisadores estudando os fenômenos religiosos a partir dessa imagem atribuem a ela o culto ao sagrado feminino, a Deusa-Mãe símbolo de fertilidade. “Combinando os documentos históricos, pode-se concluir que já naquela época existia um culto ao sagrado feminino e os animais participavam dos rituais religiosos com relevância” (p. 15), é o que afirma Torres (2012) em sua dissertação de mestrado.



Fig. 1. Imagem printada da cena do Filme *A Caverna dos sonhos esquecidos*, retratando a imagem do minotauro e da mulher.

Sobre essa imagem que scandalizou os pesquisadores, por seu caráter diferenciado das demais que representavam animais, pois é a única que apresenta uma figura, ao menos fragmento de uma figura, humana em toda a caverna, eles (os pesquisadores) salientam que há dois conceitos sobre os povos primitivos que podem nos ajudar a compreender a formação da imagem, compreender mais sobre o povo que a criou e pode, de acordo com os pesquisadores, atálgar a nossa visão de mundo, e logo da realidade que vivemos. Trata-se para eles dos conceitos de fluidez e permeabilidade:

A fluidez significa que as categorias que temos homem, mulher, cavalo, árvores e etc., podem mudar. Uma árvore pode falar, um homem pode ser transformado em um animal, e o inverso, dadas certas circunstâncias. O conceito de permeabilidade é de que não há barreiras entre o nosso mundo e o dos espíritos. Uma parede pode falar conosco, ou ela pode nos aceitar ou rejeitar [...]. Se reunirmos esses dois conceitos, entenderemos o quão diferente era a vida desses povos da nossa. (trecho retirado do documentário CAVERNA DOS SONHOS ESQUECIDOS, 2010).

Com a descoberta recente da caverna em *Chauvet Pont D'Arc*, é possível atribuir novas características para esse homem pré-histórico que os arqueólogos dizem ter vivido no mesmo tempo em que os *Neandertais*.

No contexto do documentário, a imagem produzida, cerca de 30 mil anos, possibilita a elaboração de hipóteses infinitas a respeito desses povos, abrindo desde o campo da capacidade simbólica na comunicação até a influência da espiritualidade na vida da comunidade, e a organização destes na realização em

torno dos rituais cerimoniais.

Se coloca a nós uma realidade inimaginável com relação a possibilidade de abstração dos povos “primitivos”. Coloca-se a possibilidade que o improvável tenha significado. Nisso se apresenta a arte com uma finalidade pautada na realidade, mas também de subversão dessa realidade.

O que se percebe com a narração dessa ruptura da arte apenas parece ser a própria narração da humanidade diluída no senso de comunidade tornando-se aos poucos individualizada. Apresenta-se, a arte, na possibilidade de narrar a história esquecida, dos pontos que ligam os modernos aos pré-históricos, de um novo olhar para a história que constituímos como nossa em torno de verdades estabelecidas como absolutas e que podem não passar de ficcionalidade.

RAZÃO E ROMANCE

“O verdadeiro é ‘somente um expediente na nossa maneira de pensar’”. Assim começa o texto baumaniano, citando William James, sobre a verdade e ficção nos tempos modernos. Seguindo o comentário de Bauman, sobre a interpretação de Richard Rorty quanto ao texto de James sobre a verdade, nota-se que “o papel que James atribuiu a esse ‘expediente’ consistia em elogiar – e por meio do elogio, endossar – as crenças aceitas” (1998b, p. 142).

Nesse ponto de vista a palavra verdade diz respeito a uma atitude que “adotamos”, e desejamos que outros adotem, para com o que é dito ou acreditado, “em vez de uma relação entre o que é dito e determinada realidade não-verbal”. Em outras palavras, nesse sentido, a verdade é um discurso dominante, e tomado como dominação de um grupo sobre outro, que expressa crenças que por poderem ser contestadas, sendo em si meias verdades, são afirmadas tão logo como “aprovadas com confiança e segurança”.

A “teoria da verdade”, como é chamada pelos filósofos modernos, em sua história se vê atrelada ao racionalismo e é em dado momento entregue a pensadores “qualificados por Nietzsche como *sacerdotes ascéticos*”.

Nesse período tudo o que queria se afirmar como verdade deveria passar pelo “tribunal da razão”, para ser eleito, segundo suas próprias normas e critério de forma e aprovação, como verdadeiro.

No discurso da verdade, sendo do domínio de uma racionalidade, que por vezes se mostra sendo mais tendenciosamente ligada ao irracionalismo, categorias como “essência e acaso, realidade e aparência, objetivo e subjetivo” se vêm condenadas e obrigadas a caminhar separadas.

Nesse engodo que se situa a crítica da verdade, Milan Kundera, ao que afirma Richard Rorty, encontrou outro abrigo, que não a filosofia racionalista, um lugar

diferente do que seria de se esperar. Kundera encontra, na literatura, no romance, na obra de ficção um abrigo para esses discursos encapsulados por meias verdades efundamentados num racionalismo irracionalista que a filosofia vinha pregando, e que não abarcava o lado sensível da verdade.

Na descrição de Kundera, endossada por Rorty, a arte ficcional das tramas literárias, ganha uma finalidade para além da apreciação. Bauman interpretando esses autores afirma que:

eram – e é - a vocação da ficção artística servir de irônica e irreverente contracultura à cultura tecnológico-científica da modernidade, essa cultura de paixão ordenada, divisões nítidas e disciplina retesada. No mundo que jurou buscar e alcançar a certeza e vai ao outro extremo para transformar a palavra em carne, a ficção artisticamente concebida de mundos alternativos impede que os projetos sejam encerrados em gaiolas e as estruturas planejadas sejam ossificadas em esqueletos mortos. Num mundo dominado pelo medo mortal de tudo o que é contingente, opaco e inexplicável, a ficção artística é uma contínua sessão de treinamento para viver com o ambivalente e o misterioso. Ela ensaia a tolerância e equanimidade para com o inconstante, o contingente, o não inteiramente determinado, o não inteiramente compreendido e o não inteiramente previsível. Incentiva a reconciliação com a contingência da vida e a polifonia de verdades. (BAUMAN, 1998b, pp. 150-151).

Nisso apresenta-se como finalidade da arte atuar com um papel de contracultura à uma cultura que se mostra rígida. De se lançar frente a um real repleto de situações ambivalentes, de mistérios. Restaura-se a possibilidade da incerteza e da convivência com pessoas diferentes, realidades diferentes.

Apresenta-se com essa função de tolerar e manter a tranquilidade de espírito diante da fluidez, da inconstância dos processos humanos, através da possibilidade criada pelo ficcional. Com essa função de enxergar na realidade a “polifonia de verdades” que a constitui a história humana.

Nessa ideia da incerteza refletida pela arte da realidade, como olho mágico voltado para as possibilidades do real, um grande exemplo se faz de um relato do autor de diversos quadros sobre a inspiração para os mesmos.

Refiro-me a Edvard Munch, pintor norueguês do final do século XIX, conhecido por suas séries e pinturas dentre as quais se destacam inclusive por terem o mesmo nome das obras: *O Grito*, *A Criança Doente*, *Puberdade*, *Angústia*, *Atração*, *Vampiro*, *Beijo*, entre outras mais.

Dessas, chama a atenção, até mesmo pela proporção de reconhecimento na cultura popular que hoje se tem, prova de sua identidade simbólica de projeção, *O Grito*. Sobre ela Munch descreve a cena que a propiciou seu surgimento, resultado de um passeio com dois amigos em um fiorde -reentrância marítima de grande

porte, sinuosa, escarpada, profunda e geralmente de grande extensão, comum na Noruega:

Eu andava pela rua com dois amigos - e o sol se pôs. O céu, de repente, tornou-se sangue - e eu senti como se fosse um sopro de tristeza. Eu parei - inclinado contra a grade morto de cansaço. Sobre o fiorde negro azulado e a cidade assentaram nuvens de exalante sangue em pingos. Meus amigos continuaram caminhando e eu fui deixado com medo e com uma ferida aberta, em meu peito um grande grito veio através da Natureza (MUNCH, 1989 *appud* MENEZES, 1993, p. 82)

Tentando expressar esse acontecimento Munch produz várias pinturas. Primeiro pintou *O Desespero*, no qual um homem de cartola meio de costas se encontra inclinado contra uma grade, cercado por uma cena muito próxima da que ele descreve no relato acima. Não satisfeito produz, outra versão, dessa vez com o homem de frente, estase tornou muito popular pelo escândalo que gerou na época, sendo esta é *O Grito*.

Em primeiro plano há, na pintura, um corpo distorcido. Seu rosto no formato de uma pera invertida, sem cabelos, com as duas mãos apertando-o e tapando as orelhas, lhe dá um aspecto cadavérico. Os olhos são apenas sugeridos por uma cor um pouco mais clara que o restante do rosto, enquanto o nariz se apresenta como dois pontos escuros sobre uma elipse que ocupa o lugar da boca.

Esta figura andrógena se encontra sobre uma ponte que é o único elemento que se mantém reto em toda a pintura. Sob a ponte surge um fiorde sinuoso do qual brota linhas onduladas coloridas que ocupam toda a parte superior da pintura.

Enquanto a ponte e o fiorde são representados por cores como marrom e azul, o céu se apresenta em vermelho cor de sangue misturado a um pouco de amarelo e o que parece ser um tom esverdeado.

Ao fundo, na ponte, caminham duas silhuetas as quais são vistas apenas pelas costas, e que se apresentam indiferentes a toda a sinuosidade que indica as linhas torcidas no restante da pintura.

Nota que todas as linhas indicam como direção, e se concentram em torno do rosto cadavérico, o que parece sugerir a ideia de um grito surdo que produzisse, ele mesmo, a sinuosidade na paisagem, não se distingue se o ser grita à natureza ou apenas responde-lhe devolvendo o grito.

Menezes menciona que o “grito surdo é ainda mais assustador” visto que as duas silhuetas, ao fundo, parecem estar lá “sem perceberem nenhuma alteração no curso do universo” e que permanecem, ambos, assim como a ponte, alheios a vibração do restante da pintura (MENEZES, 1993, p. 82).

Coube gastar um pouco mais de tempo descrevendo a obra em virtude da impressão não ser colorida e poder pela narrativa se comparar, o acontecido original

e o resultado, não final, mas parcial da expressão do pintor.

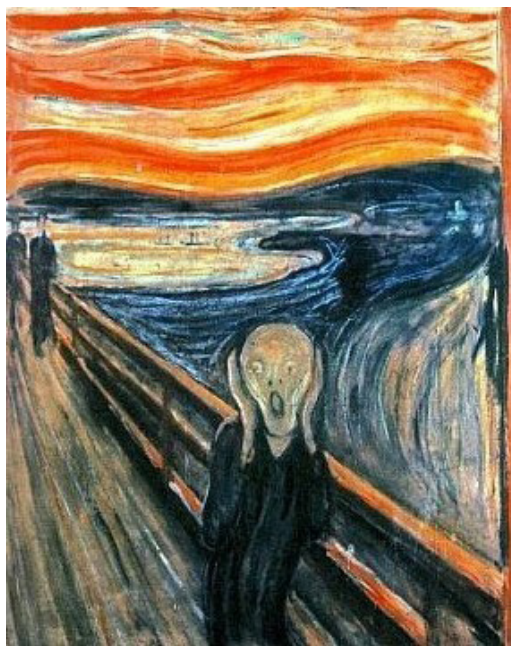


Fig. 2. O Grito. 1893. Óleo sobre tela. 90,8 x 73,6 cm. Nasjonalgalleriet, Oslo (*apud* MENEZES, 1993, p. 80)

Nota-se com isso a infinidade de expressão e interpretação possível de se extrair de uma narrativa, tanto na realidade como na ficção. Mostra-se o papel da arte em possibilitar não uma certeza absoluta, mas a capacidade do surgimento de novos olhares sobre a realidade vivenciada.

Mesmo ao pegar uma situação real como a descrita por Munch e narrada com a maior objetividade cabível, dadas as implicações subjetivas, o tom artístico e criativo funda a polifonia da liberdade interpretativa, de tolerância ao inconstante. Tanto pela 'literatura' como pela pintura de Munch se acessa a uma constelação de sentimentos comum a todos que cada um consegue em si produzir uma interpretação de suas obras artísticas.

A literatura é eleita por Kundera, e afinal é uma arte na qual o sujeito mais facilmente se vê atrelado, visto que há a necessidade de um maior comprometimento que é a leitura do texto, e pelo aspecto simbólico contido na linguagem.

A pintura exige do espectador um pouco mais de interesse, uma educação estética "mais refinada" talvez, e por isso certo treinamento de conseguir lidar com a angústia do quadro que é mais próxima do real que a angústia da literatura.

Mas em se tratando da verdade os dois exemplos são bem cabíveis. Na verdade, o exemplo da arte no geral. O artista muitas vezes consegue com maior facilidade ter esse acesso a esse imaginário e com maior facilidade diferenciá-lo do real, e amenizar a angústia do real através de sua arte. Mas esse também é o papel da arte de mostrar ao diferenciar a ficção da realidade a incerteza e inconstância que povoam o real.

Cabe esse papel principalmente se tratando hoje de um mundo praticamente “virtual” que domina o real. Como é afirmado por Bauman o “mundo real” e a ficção parecem ter se invertido no mundo pós-moderno, no qual a verdade que outrora se declarava absoluta, continua tentando se fazer reconhecida mesmo em fragmentos:

No mundo moderno, a ficção do romance desnudava a absurda contingência oculta sob aparência de realidade ordenada. No mundo pós-moderno, ela enfileira unidas cadeias coesas e coerentes, “sensatas”, a partir do informe acúmulo de acontecimentos dispersos. Os *status* da ficção e do “mundo real” foram, no universo pós-moderno, invertidos. Quanto mais o “mundo real” adquire os atributos relegados pela modernidade ao âmbito da arte, mais a ficção artística se converte no refúgio [...] da verdade. Mas – que seja enfatizado com toda a veemência possível – a verdade admitida de seu exílio tem, além do nome, pouca semelhança com aquela que se obrigou a emigrar. Essa verdade não tem função de endosso e pouca utilidade para o debate – e, além do mais, está ciente de suas limitações e nem um pouco preocupada. As verdades da arte nascem num grupo de outras verdades e, desde o princípio, acostumam-se a apreciar tal grupo (BAUMAN, 1998b, p. 157).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste foi possível iniciar a discussão da finalidade da arte que parece estar sempre voltada para a realidade, caberia desenvolver melhor o conceito de realidade, sobretudo contrapondo-o ao de simulacro desenvolvido por Jean Baudrillard, apontado no fim do texto sobre verdade e ficção de Bauman. Mas isso seria tema para outra produção que não esta inclusive pelo tempo de sua produção.

Foi possível nesse pouco no percurso vislumbrar aquilo que a arte pode vir a contribuir nas ciências humanas, dando uma atenção especial para a História e as ciências que tratam o simbólico, como a Semiótica e a Psicanálise. Para a história foi reservado espaço privilegiado, dando à arte a finalidade de peça fundamental da construção histórica e registro dos povos.

Como o tema aqui proposto se referia a arte em si, e este, surgiu na tentativa de entender o que é a arte, não foi necessário, tampouco cabível que se estendesse sobre a Semiótica e a Psicanálise.

Da semiótica pudemos aproveitar a obra artística como produtora de sentido, mais precisamente uma obra que ilumina em si a incerteza da realidade e a partir dessa diferenciação tão difícil de fazer hoje, que é a da ficcionalidade *versus* realidade, ver o papel da arte que expressa-se em ficção ante o real.

Enfim da Psicanálise se vê o artístico como um atributo na tentativa de resolver a problematização da angústia, e em sua “impossibilidade”, a tentativa de amenizar os efeitos dessa angústia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. O significado da arte e a arte do significado. In: _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998a. pp.131-141.

_____. Sobre a verdade a ficção e a incerteza. In: _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998b. pp.142-159.

CAVERNA DOS SONHOS ESQUECIDOS. Direção e roteiro de Werner Herzog. Produção de Erik Nelson. França: Zeta Filmes, 2010. Documentário Cor.

DELEUZE, Gilles. A pintura antes de pintar.... In: _____. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. pp.91-101.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. A pintura trágica de Edvard Munch: um ensaio sobre a pintura e as marteladas de Nietzsche. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 67-111, 1993.

TORRES, Marta. *Uma reflexão sobre o direito à vida para além dos seres humanos*. Dissertação. UFBA, Salvador, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 1, 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 19, 20, 22, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 50, 52, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 85, 86, 92, 99, 101, 103, 105, 106, 109, 110, 112, 113, 125, 126, 127, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147

Arte educação 31, 32, 65, 105

Artes visuais 51, 69, 102, 104, 111, 123, 126, 133

Autismo 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120

Autobiografia 45

C

Composto poético 74, 75, 76, 77, 80, 85, 86

Criação 1, 2, 4, 45, 47, 48, 49, 53, 68, 71, 75, 76, 77, 82, 95, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130

Criatividade 43, 67, 91, 101

Cultura 3, 8, 30, 31, 40, 42, 43, 50, 52, 53, 55, 56, 61, 62, 63, 64, 67, 70, 71, 72, 102, 135, 140, 141, 144, 146, 147

Curso de música 122, 130

Cursos de pós-graduação 132, 133

D

Desenho geométrico 66, 88, 100, 102

Desenvolvimento 51, 52, 65, 66, 70, 72, 75, 86, 90, 95, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 121, 125, 147

E

Educação 1, 10, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 51, 52, 53, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 88, 89, 91, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 147

Educação artística 65, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 133

Educação infantil 62, 63, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 128

Ensino 30, 31, 32, 33, 42, 43, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 147

Escultura 13, 14, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 64

F

Ficção 1, 2, 7, 8, 10, 11, 12

Fotografia 31, 37, 55, 59, 66, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 85, 86, 87

Fotografia de estúdio 74, 77

G

Geometria descritiva 88

Gordência 45, 46, 47, 48

H

História em quadrinhos 88, 92, 98, 101, 102

I

Imagem 1, 2, 5, 6, 31, 32, 33, 43, 69, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 92, 93, 94, 95, 125

Inclusão 103, 110, 112, 113, 114, 118, 123

Infância 62, 63, 69, 70, 71, 72, 73, 115

Instrumentos de sopro 115, 116, 119, 120

L

Legislação 122, 130

M

Memória 45, 50, 52, 54, 55, 60, 61, 75, 78, 79, 80, 86, 123, 130

Moldes 3D 13, 21, 22

Museu 41, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 102, 109, 113

Música 55, 69, 74, 77, 80, 81, 82, 83, 99, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Musicoterapia 115, 116, 120, 121

P

Palavra 1, 2, 7, 8, 35, 45, 46, 47, 48, 75, 78, 79, 92

Performance 28, 45, 48

Poesia 46, 56, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 85, 86, 87

Processo criativo 30, 31, 32, 33, 37, 42, 74, 75, 86

Processos fotográficos 74

R

Registro 2, 11, 45, 50, 56, 57, 58, 59, 81, 134

S

Sociologia 62, 63, 69, 70, 71, 72, 73, 124

T

Tendências de pesquisa 133

Transtorno do espectro do autismo (TEA) 116

V

Verdade 1, 2, 3, 7, 8, 11, 12, 35, 47


PROCESSOS CRIATIVOS E EDUCACIONAIS EM ARTES

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



PROCESSOS CRIATIVOS E EDUCACIONAIS EM ARTES

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 